

A INFLUÊNCIA DAS LIDERANÇAS FUNDAMENTALISTAS POLÍTICO-RELIGIOSAS NO PSIQUISMO DAS MASSAS: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA

SILVA, Henrique Alexandre da¹; FAVARIN, Rafael da Nova².

<https://doi.org/10.60035/1678-0795.momentum-v1n22-521>

RESUMO

Historicamente observa-se a associação entre a política e a religião em diversos cenários político-religiosos no decorrer dos séculos. Estas conjunções são capazes de levantar e influenciar seguidores, fiéis aos seus líderes, que supostamente representam o deus de sua época e do seu estado. Desta forma, com base nos estudos psicanalíticos, especialmente a partir das compressões de Freud, este trabalho apresenta um ensaio sobre as determinações das lideranças político-religiosas e sua influência na subjetividade e no desejo dos indivíduos e das massas, sobretudo quanto a sua autonomia. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura com base em uma pesquisa exploratória da bibliografia presente sobre o tema, isto é, conteúdos históricos e psicanalíticos, considerando a influência das construções político-religiosas no psiquismo dos indivíduos e das massas, desde a pré-história até os dias atuais.

Palavras-chave: Psicanálise; religião; política.

ABSTRACT

Historically, the association between politics and religion has been observed in various political-religious scenarios over the centuries. These conjunctions are capable of raising and influencing followers, faithful to their leaders, who supposedly represent the god of their time and state. Thus, based on psychoanalytic studies, especially from Freud's compressions, this paper presents an essay on the determinations of political-religious leadership and its influence on the subjectivity and desire of individuals and the masses, especially in terms of their autonomy. It is a narrative review of the literature based on an exploratory survey of the bibliography on the subject, i.e., historical, and psychoanalytical content, considering the influence of political-religious constructions on the psyche of individuals and the masses, from prehistory to the present day.

Keywords: Psychoanalysis; religion; politics.

¹ Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAAT. *E-mail:* h.alexan.silva@gmail.com

² Mestre em Psicologia; professor nos cursos de Psicologia e Pedagogia no Centro Universitário UNIFAAT. *E-mail:* rnfavarin@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Para a apresentação deste trabalho, é importante salientar as religiões e o seu papel tão presente na cultura. Para além do contexto contemporâneo, as religiões também estão integradas à sociedade desde o início da humanidade. O filósofo Empirista David Hume (1757/2005, p. 22) enuncia sua compreensão e sua crítica sobre as religiões dizendo:

A crença em um poder invisível e inteligente tem sido amplamente difundida entre a raça humana, em todos os lugares e em todas as épocas, mas talvez não tenha sido tão universal a ponto de não admitir exceção nenhuma; nem tenha sido, em alguma medida, uniforme nas ideias que fez nascer.

Historicamente observa-se a associação entre a política e a religião, criando diversos cenários político-religiosos no decorrer dos séculos. Estas conjunções são capazes de levantar e influenciar seguidores, fiéis aos seus líderes, que supostamente representam o deus de sua época e do seu estado. Com discursos carismáticos, dotados de ideologias fundamentalistas, estes líderes trazem como obrigatoriedade uma série de ideais e condutas morais (Oliveira; Moreira, 2023), que a princípio trazem segurança e conforto, mas que afetam o psiquismo do indivíduo e sua relação com o mundo, levando em muitos casos ao desenvolvimento de neuroses. Isto se dá frente à inibição da subjetividade e à repressão dos desejos e pulsões naturais dos integrantes desses grupos (Freud, 1930/ 2020).

Destacam-se mecanismos de alienação e heteronomia por parte da massa, além da considerável influência das ideias fundamentalistas propagadas pelos líderes, que vão de encontro às fantasias infantis e inconscientes dos agrupamentos religiosos (FREUD, 2020). Tal explanação pode ser ilustrada claramente a partir do episódio que ganhou grande repercussão no cenário brasileiro: no dia 8 de janeiro de 2023, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Palácio do Planalto foram invadidos e depredados por integrantes da extrema direita. Segundo o jornal da UNESP (2023)³, entre os ativistas havia adeptos ao fundamentalismo religioso, incentivados e vinculados a diversos líderes eclesiais com suas pautas moralizantes. Tais ações intoleráveis impactaram a nação devido ao grande descaso ao patrimônio público e aos utensílios que compunham a história brasileira, os quais foram destruídos ou roubados.

Sabe-se que esses movimentos antidemocráticos, que aconteceram após a posse do atual presidente Lula, foram derivados da frustração e revolta dos militantes pró-Bolsonaro. Manifestações estas que podem ser interpretadas da seguinte maneira:

Assim, o caráter sinistro e compulsório da formação de massas, que se mostra em seus fenômenos sugestivos, provavelmente pode ser atribuído com razão à sua proveniência da horda primordial. O líder da massa continua sendo o temido pai

³ VESSONI, Aline. Os grupos de extrema direita estão perdendo o pudor de usarem a violência. **Jornal da UNESP**. <https://jornal.unesp.br/2023/01/11/os-grupos-de-extrema-direita-estao-perdendo-o-pudor-de-usarem-a-violencia/>. Acesso em: 15 mar. de 2023.

primordial, a massa ainda quer ser dominada por uma força irrestrita, anseia pela autoridade num grau extremo, tem, segundo a expressão de Le Bon, sede de submissão. O pai primordial é o ideal da massa, que domina o eu em lugar do ideal do eu (Freud, 1921/2020, p. 139).

Sendo assim, frente aos eventos que se repetem no decorrer da história e as posturas tomadas pelas massas, promovendo reverberações danosas tanto para a vida do próprio devoto fundamentalista quanto para o contexto cultural, este trabalho parte da seguinte questão: como as imposições dos líderes fundamentalistas político-religiosos podem influenciar no psiquismo das massas e nos contextos sociais? Apresenta como objetivo geral compreender como as determinações político-religiosas podem influenciar as características subjetivas e no desejo das pessoas, sobretudo quanto a sua autonomia.

Quatro são os objetivos específicos, a saber: descrever a história da religião na formação da humanidade; apresentar a compreensão freudiana sobre religião; compreender, a partir da psicanálise, o fundamentalismo político-religioso no Brasil atual e analisar a influência das lideranças fundamentalistas político-religiosas no psiquismo dos indivíduos e das massas e suas reverberações sociais.

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura com base em uma pesquisa exploratória da bibliografia presente sobre o tema voltada para exploração e obtenção de conteúdos históricos e psicanalíticos, considerando a influência das construções político-religiosas no psiquismo das massas.

Este trabalho foi dividido em três eixos. No primeiro, descreveu-se sobre a história da religião na construção da humanidade, desde a Pré-História até os dias atuais. No segundo, foi apresentada a compreensão psicanalítica sobre a representação da religião no psiquismo das massas a partir da obra de Sigmund Freud. Por fim, no terceiro, foi analisado e retratado o atual cenário fundamentalista político-religioso brasileiro e suas implicações psíquicas e sociais.

Esta pesquisa apresenta como método um estudo exploratório, contendo uma revisão narrativa da literatura a respeito do tema. Este procedimento foi realizado a partir de referências fundamentais da teoria psicanalítica, da história e da filosofia, mas também por meio de pesquisas em plataformas que acomodam bibliografias científicas, como SCIELO, BVS e CAPES. Tais explorações foram realizadas por meio do cruzamento de palavras: “Religião x Psicanálise x Política”; “Liderança x Fundamentalismo x Freud”; “Religiosidade x Líder x Psicanálise”; e “Religião x Psicanálise”, com o objetivo de descrever a construção do trabalho com bases acadêmicas e científicas.

Como hipótese, acredita-se que a influência das lideranças fundamentalistas político-religiosas e suas determinações padronizadas, moralistas e ideológicas podem reprimir e anular

a subjetividade dos indivíduos das massas, isto é, levando-os a viver uma existência alienada de suas necessidades naturais, reprimindo seus desejos pulsionais constitutivos a fim de se submeter a leis supostamente divinas, propagadas por seus representantes.

1 A HISTÓRIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO DA HUMANIDADE

1.1 Primeiros sinais de religiosidade na humanidade

Quando se fala sobre a história da humanidade, é indissociável rememorar questões religiosas em sua constituição. Pode-se dizer que no período pré-histórico nasceram as primeiras manifestações religiosas. Estudiosos sugerem que tais expressões foram registradas através das artes rupestres. Para Duarte (2013, p.153), “a arte rupestre foi a primeira indicação alusiva ao universo religioso, ou seja, foi na arte rupestre que se encontrou os primeiros indícios da manifestação religiosa do ser humano, através das pinturas pré-históricas”.

Neste mesmo contexto, arqueólogos e historiadores buscam investigar mais sobre os rituais sacros na Pré-História e seus simbolismos. Segundo Eliade (1975, p. 29),

Podemos considerar as representações paleolíticas como um código que significa ao mesmo tempo o valor simbólico (portanto mágico-religioso) das imagens e a sua função nas cerimônias referentes a diversas histórias. Sem dúvida, jamais saberemos o conteúdo preciso dessas histórias. Mas os sistemas em que se inserem os diferentes símbolos permitem-nos ao menos adivinhar a sua importância nas práticas mágico-religiosas dos paleolíticos.

Na era pré-histórica, a escrita ainda não havia sido desenvolvida como é nos dias atuais. Entretanto, a linguagem estava presente, graças à revolução cognitiva, que possibilitou ao ser humano a capacidade de criar narrativas, inclusive as religiosas.

Até onde sabemos, só os sapiens podem falar sobre tipos e mais tipos de entidades que nunca viram, tocaram ou cheiraram. Lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva. Antes disso, muitas espécies animais e humanas foram capazes de dizer: “Cuidado! Um leão!”. Graças à Revolução Cognitiva, o Homo sapiens adquiriu a capacidade de dizer: “O leão é o espírito guardião da nossa tribo”. Essa capacidade de falar sobre ficções é a característica mais singular da linguagem dos sapiens (Harari, 2018, p. 28).

Posto isto, a partir das expressões dos grupos em questão, a religiosidade assumiu um papel relevante na sociedade humana.

1.2 A criação da escrita e a religiosidade dos Sumérios

O fim da Pré-História e o início da Antiguidade foi marcado pela criação da escrita, datada por volta de 4000 a.C.; os primeiros registros históricos foram encontrados na Suméria, uma das primeiras civilizações a se desenvolver na região da Mesopotâmia (Toledo; Telles, 2020).

O nome dado a essa grande invenção da humanidade foi de escrita cuneiforme – símbolos grafados na argila com cunhas – que mudou o rumo da humanidade, possibilitando registros históricos, desde os mais simples até os mais exuberantes, ampliando a forma de comunicação e linguagem na civilização. Além disso, segundo Eliade (1975), a escrita cuneiforme também foi responsável por registrar as crenças religiosas mais arcaicas.

Nos registros religiosos, mais especificamente da civilização suméria, revelam-se os primeiros relatos, sobre os motivos da criação do ser humano:

Antes de criarem a humanidade, os deuses exerciam funções similares ao cotidiano dos sumérios, eles pescavam, lavravam a terra, construíam canais de irrigação para abastecerem as plantações etc. Um dia, os deuses ficaram cansados de todo esse trabalho pesado, e reclamaram para a mãe de todos, Nammu, que encarregou Enki para resolver à problemática. Com o auxílio das oito deusas parteiras, Enki fecunda Ninmah, com a argila criadora que existia no abzu, fazendo-a conceber a humanidade, aliviando assim, o trabalho dos deuses. E deste momento em diante, estes servos humanos deveriam trabalhar na terra e cultivar alimentos substituindo os deuses no trabalho pesado (Toledo; Telles, 2020, p. 151).

Entre os sumérios, um povo politeísta, havia as regras “Me”, que “definiam os aspectos do governo, religião, guerra, paz, sexualidade, profissões, código de conduta e noções de certo e errado. A implementação destes na humanidade seria supervisionada pelos deuses” (Toledo; Telles, 2020, p. 136).

Tais exigências religiosas reverberavam nos civis, que se expressavam com submissão, desalento e autodepreciação, como pode-se ler a seguir numa oração:

Ó Senhor, grandes são os meus pecados! O deus que desconheço, grandes são os meus pecados!... Ó deusa que desconheço, grandes são os meus pecados! [...] O homem nada sabe; nem sequer sabe se peca ou se faz o bem... Ó Senhor meu, não repudies o teu servo! Os meus pecados são sete vezes sete... Afasta os meus pecados! (Eliade, 1975, p. 68).

Toledo e Telles (2020) descrevem que, no final do dia, o trabalhador religioso deveria realizar sacrifícios de animais e/ou oferecer parte de sua colheita para os sacerdotes, representantes dos deuses, os quais, por diversas vezes, exploravam o devoto. Além disso, para submeter o povo, os governantes, em conluio com os sacerdotes, inventavam novos deuses para alcançarem suas ambições. Revelando assim que, desde as civilizações primitivas, a religião pode ser usada como uma expressão de poder e controle.

1.3 Grécia Antiga e sua religiosidade

A Grécia Antiga e sua cultura, sem dúvida, impactaram de diversas maneiras as civilizações posteriores. Tais influências são observadas até mesmo nos tempos contemporâneos, como por meio da arte, filosofia, dos jogos olímpicos, mitologia grega etc.

Hoje em dia a religião grega é nomeada como mitologia grega. Entretanto, nos tempos antigos, isto é, por volta do século VII a.C. os deuses do Olimpo, como Zeus, Hera, Poseidon, Atena, Ares, Deméter, Apolo, Ártemis, Hefesto, Afrodite, Hermes e Dionísio, eram verdadeiras divindades da civilização grega. Ao contrário da maioria das religiões, os gregos não se baseavam num livro sagrado, nem verdades inescapáveis, ou até mesmo doutrinas, as quais obrigavam o devoto a seguir um caminho sacro (Vernant, 2006).

Segundo Trabulsi (1993), na organização dos cultos, os gregos realizavam rituais em que faziam oferendas aos deuses através da queima de incenso, derramamento de óleos aromáticos e sacrifícios de animais. Essas liturgias eram praticadas em templos dedicados aos deuses e seguiam o calendário das festas sagradas. Tais celebrações enraizaram na civilização grega os comportamentos religiosos (Vernant, 2006). Além disso, na cultura religiosa grega, os devotos visavam duas coisas por meio dos rituais: adquirir benefícios da divindade e afastar os malefícios que os próprios deuses poderiam causar (Reale, 1950).

A religiosidade grega era conduzida de uma forma muito particular, em comparação aos contextos religiosos das demais civilizações e suas formas de devoção. A maneira como a população da Grécia Antiga se relacionava com a religião é muito bem esclarecida pelo historiador Jean-Pierre Vernant (2006, p. 7-8):

Entre o religioso e o social, o doméstico e o cívico, portanto, não há oposição nem corte nítido, assim como entre sobrenatural e natural, divino e mundano. A religião grega não constitui um setor à parte, fechado em seus limites e superpondo-se à vida familiar, profissional, política ou de lazer, sem confundir-se com ela. Se é cabível falar, quanto à Grécia arcaica e clássica, de "religião cívica", é porque ali o religioso está incluído no social e, reciprocamente, o social, em todos os seus níveis e na diversidade dos seus aspectos, é penetrado de ponta a ponta pelo religioso.

Os gregos tinham em seu âmago a prática de um papel social, isto é, ser homem, mulher, cidadão, magistrado etc. A religião não lhes exigia preocupações relacionadas à imortalidade ou destino após a morte (Vernant, 2006). Sendo assim, muito provavelmente, encontra-se o motivo pelo qual a civilização grega se tornou formadora de grandes filósofos e pensadores, que se fizeram notáveis na história da humanidade. Nomes como Tales de Mileto, Anaximandro, Heráclito, Sócrates, Platão, Aristóteles, Pitágoras e incontáveis outros, que elevaram o pensamento humano e por consequência mudaram o rumo das civilizações posteriores.

1.4 Roma: do politeísmo greco-romano ao monoteísmo cristão

A Roma Antiga foi uma das maiores civilizações que a história pode contemplar, ela que, segundo as lendas, começou como uma cidade, fundada em meados do século VIII a. C.

por Rômulo e Remo, filhos do deus da guerra Marte e da princesa Réia Silvia, esta que foi obrigada a lançar os filhos nas águas do rio Tibre, que se salvaram milagrosamente, foram criados por uma loba e depois por um pastor chamado Fáustulo e sua esposa (Funari, 2001).

A partir desta narrativa, é possível compreender que desde o início a civilização romana tem relação com o misticismo e a religiosidade. Funari (2001, p. 94) descreve que “A religião dos romanos era politeísta e antropomórfica com nítidas influências das crenças etrusca e grega” e acrescenta que o “conjunto de deuses dos romanos chegou a incorporar alguns dos deuses gregos, com nomes trocados para nomes latinos, mas com os mesmos atributos”. Neste mesmo contexto, assim como os gregos, os romanos se relacionavam com a religião como parte indissociável da vida cívica, sendo algo essencial para a vida em sociedade. Ocorriam cerimoniais religiosos em que a intenção era reforçar a coesão da romanidade (Corassin, 2006).

No decorrer dos séculos em que a Roma Antiga se manteve como civilização, passou por três formas de governo: o monárquico (753-509 a.C.), republicano (509-27 a.C.) e, por fim, o imperial (27 a.C.-476 d.C.). Em meio aos processos de constituição e avanço territorial, a “religião antiga começa a degradingolar já com a expansão romana, que desestabiliza a organização das cidades, superpõe modos de crença não autóctones, mistura deuses de diferentes regiões” (Coser, 2016, p. 5). Isto é, Roma se tornou palco de uma grande miscigenação religiosa.

Segundo Funari (2001), por volta de 58 d.C., o cristianismo começa a ganhar evidência no Império Romano, a princípio nas regiões próximas ao Mediterrâneo, depois na própria cidade de Roma, onde os devotos cristãos, em sua maioria pobres e povos submetidos aos romanos, acreditavam que o reino de Deus se estabeleceria na Terra com a volta de Jesus, destruindo o anticristo, isto é, o imperador romano. Com o rápido crescimento de cristãos no império e o não reconhecimento do imperador como divindade, se manifestaram mais do que problemas religiosos, mas também políticos. Sendo assim, as perseguições e as execuções públicas dos cristãos passaram a ser vistas como espetáculos pelo povo romano por mais de dois séculos.

Entretanto, no século III, período em que uma grande crise acometeu o império, quando aconteceram guerras civis duradouras, o povo romano se fragilizou diante dos assombros dos conflitos. Assim, começaram a buscar consolação nas crenças religiosas, portanto, o cristianismo, que pregava esperança e uma vida feliz após a morte, se consolidou em Roma, até mesmo entre os nobres, rompendo as tradições do império (Funari, 2001).

Apesar de as perseguições continuarem por parte do império, o cristianismo permaneceu se expandindo. Por isso, os governantes romanos consideraram aliar-se aos cristãos

para manterem-se no poder e tirarem vantagens do povo. Foi quando em 313 d.C. os imperadores Constantino e Licínio assinam o Edito de Milão, “o documento declarava que o Império Romano seria neutro em relação ao credo religioso, acabando oficialmente com toda perseguição sancionada oficialmente, especialmente ao cristianismo” (Carlan, 2009, p. 28). No século IV o império já era chamado de “Império Romano Cristão”, onde quase todo mundo romano era formado por cristãos. Funari (2001) destaca a vitória total do cristianismo quando o imperador Teodósio declara o cristianismo como religião oficial do império, proibindo, assim, o paganismo, que envolvia as crenças tradicionais romanas, decretando a união entre o cristianismo e o Estado romano, o que fez surgir a “Igreja Universal”, mais conhecida como a “Igreja Católica Romana”.

1.5 Estabelecimento e domínio do cristianismo

Mesmo com a decadência, crises e o desmantelamento do Império Romano, além das invasões dos povos bárbaros, “A igreja se manteve coesa em todas as turbulências do Império Romano, libertou-se do domínio de reis e dos senhores feudais e impôs autoridade moral e política sobre a desordem social” (Noroeffé; Andrade, 2022, p. 25). Além disso, Lima (2018, p. 112) descreve:

Nos primeiros séculos da Idade Média, a Igreja trabalhou, arduamente, para cristalizar na mentalidade dos cristãos a crença na unicidade divina; a vida, a morte e a ressurreição de Cristo, bem como a existência do Bem e do Mal no mundo; a ressurreição de Cristo como uma nova vida, a vida eterna. Para tal, seria preciso acreditar em Deus, ter fé na sua existência e nas suas vontades. Seria preciso também que o homem vivesse em perfeita harmonia com Deus, com a vida e com a Igreja.

Com o fortalecimento do Império Bizantino sendo também um governo com o domínio da religião cristã e a busca dos governantes por poder político e riquezas eclesiásticas, o governo passou a interferir nas eleições das autoridades católicas, isto é, nas escolhas dos bispos e papas, promovendo grandes conflitos no meio clérigo.

Nos séculos seguintes, a Igreja Católica Apostólica Romana continuou tendo seu domínio e evidência, apesar de diversos movimentos internos que reverberaram em mudanças em seu cenário. Dentre esses movimentos, alguns foram desencadeados pelas revoltas de algumas figuras clericais que criticavam “as superstições (reliquias, peregrinações, veneração dos santos), bem como a transubstanciação, o purgatório, as indulgências, o celibato clerical e as pretensões papais” (Matos, 2011, p. 3). Além disso, tais revoltas defendiam a supremacia das escrituras sagradas sobre a figura papal e suas determinações.

Foi então que, no início do século XVI, a hegemonia católica foi enfraquecida, a partir da nomeada Reforma Protestante, que teve como personagem principal Martinho Lutero, um

monge alemão, professor da Universidade de Wittenberg, que, como ato simbólico e de revolta, afixou 95 teses nas portas da Igreja de Wittenberg com duras críticas ao sistema religioso papal (Matos, 2011). A partir deste ato, Lutero ficou por um período foragido das grandes autoridades clericais. Assim:

Lutero fez a tradução da Bíblia para o alemão moderno a fim de torná-la acessível a todos e promoveu a igualdade, libertação dos servos e a reivindicação dos camponeses e cavaleiros. Lutero, em suas reivindicações, proclamava a salvação por meio da fé, e a fonte da fé era a Bíblia, cuja interpretação era livre para todos os fiéis. Além disto, não reconhecer o Papa como autoridade máxima da igreja, suprimir as imagens, o culto aos santos e outros aspectos relacionados aos dogmas da igreja. O luteranismo se espalhou aos poucos, chegou à Suécia, Noruega e Dinamarca. (Noroefé; Andrade, 2022, p. 29).

Além de Martinho Lutero, houve outros reformistas que deram seguimento ao movimento, dentre eles, João Calvino e Ulrico Zuínglio. Estes homens e suas comunidades de fiéis fizeram com que o protestantismo expandisse e permanecesse até os dias atuais, mesmo em meio a novas reformas e mudanças no decorrer dos séculos, assim como a Igreja Católica, que continuou a se expandir, alcançando multidões de devotos (Matos, 2011).

No atual cenário religioso global, segundo o site Societífica⁴ (2022), há 5 grandes religiões: o Cristianismo, com 2,2 bilhões de adeptos, o Islamismo, com mais de 1 bilhão de fiéis, Hinduísmo, com aproximadamente 1 bilhão, Budismo, com 400 milhões de praticantes, e o Judaísmo, com 14 milhões de devotos, estabelecendo a relevância e a permanência da religião por toda a construção da humanidade.

2 A COMPREENSÃO FREUDIANA SOBRE A RELIGIÃO

2.1 Relação de Freud com a religião

Para iniciar os conteúdos deste capítulo, é necessário falar sobre o processo identitário do pai da psicanálise em relação à religiosidade. Sigmund Freud nasceu no ano de 1856, em Freiburg, Morávia. Seus pais, Jacob e Amalia, eram judeus, portanto, Freud envolveu-se com a religião judaica desde os seus primeiros dias de vida, quando foi circuncidado (um ritual comum e obrigatório para o judaísmo) uma semana após seu nascimento (Gay, 1989).

Por influência de sua família, Freud (1923-1925/2011, p. 67) descreve: “O fato de ter-me ocupado precocemente da história bíblica, tão logo aprendi que a arte da leitura influiu de forma duradoura na direção de meus interesses”. Além disso, quando Freud tinha por volta de 2 anos, era levado à igreja católica por sua babá, onde aprendia questões sobre céu, inferno, salvação, além de imitar as falas do padre (Balogh, 1974).

⁴ MENDES, Raquel. As 5 maiores religiões do mundo (e seus históricos no Brasil). **Societífica**. <https://societifica.com.br/maiores-religioes-do-mundo/>. Acesso em: 18 jul. de 2023.

Segundo Peter Gay (1989), na adolescência Freud, com todo seu brilhantismo e sua grande performance escolar, sendo um leitor voraz, era estimado curiosamente por seu professor de religião Hammerschlag, que lhe atribuía muitas expectativas quanto ao seu futuro. Já na universidade, Freud, que era reconhecido como filho do Iluminismo, entrou em contato com os conteúdos do hegeliano Von Ludwig Feuerbach, que considerava ter o dever de desmoralizar a teologia, além disso, foi nomeado como formador de ateístas por meio de sua doutrina. Posto isto, com base nas ideias de Feuerbach, Freud passou a se considerar um destruidor de ilusões.

Adiante, Freud, um explorador das filosofias, conheceu o filósofo Franz Brentano, ex-padre, que acreditava em Deus, mas também respeitava as ideias de Darwin. O filósofo, por meio de suas conferências e seminários, levou Freud a questionar suas convicções ateístas, mesmo que sem sucesso, tornando, assim, o pensamento de Freud mais complexo (Gay, 1989). Este processo identitário se estabelece quando Freud diz ser “a um amigo no final de 1874: um estudante de medicina ateu e um empirista” (Gay, 1989, p. 44).

Nas décadas seguintes, com o nascimento e a construção da teoria psicanalítica, Freud escreve em sua obra alguns textos sociológicos que abordam a influência da religião no psiquismo. Dentre esses conteúdos estão: *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907); *Totem e Tabu* (1913); *Psicologia das massas e análise do eu* (1921); *O futuro de uma ilusão* (1927); e *O mal-estar na civilização* (1930). A partir dessas referências, será possível compreender o sentido freudiano da religiosidade.

2.2 Atos obsessivos e práticas religiosas

Freud, em seu texto de 1907, apresenta a semelhança entre os atos do obsessivo que sofre e as fixas práticas ritualísticas, cerimoniais dos crentes, além de fazer alusão à religião como a neurose obsessiva da sociedade. Freud (1907/1996, p. 65) descreve: “As pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins”, isto é, a vivência do obsessivo se baseia na necessidade de obedecer a suas leis internas, assim como na vida devota à religião, em que existem as leis divinamente impostas, que são irredutíveis.

Os cerimoniais na neurose obsessiva funcionam como repressores das pulsões libidinais do sujeito, assim como o crente luta contra seus desejos carnis fazendo diversos rituais para se manter longe de sua “sujeira”, isto é, as pulsões sexuais.

Assim, um cerimonial é um conjunto de condições que devem ser preenchidas, da mesma forma que uma cerimônia matrimonial da Igreja significa para o crente uma permissão para desfrutar os prazeres sexuais, que de outra maneira seriam

pecaminosos. Uma outra característica da neurose obsessiva, e de todas as enfermidades semelhantes, é que suas manifestações (seus sintomas, inclusive os atos obsessivos) preenchem a condição de ser uma conciliação entre as forças antagônicas da mente. Essas manifestações reproduzem, assim, uma parcela daquele mesmo prazer que pretendiam evitar, e servem ao instinto reprimido tanto quanto às instâncias que o estão reprimindo (Freud, 1996, p. 69).

Além disso, Freud (1996) também destaca os cerimoniais obsessivos e a necessidade de realizar atos cotidianos, restritivos, formais, com adição de detalhes, além de serem atividades sempre realizadas com uma ordem fixa, as quais o sujeito não questiona, mesmo não tendo sentido algum. Entretanto, ao renunciar a tais rituais, sente uma ansiedade intolerável, que resulta em culpa. Sentimento comum entre os obsessivos e religiosos, que quando lidam com o pecado “intensifica a culpa para o religioso. A culpa como sentimento estruturante da neurose obsessiva no sujeito e a ideia de penitência com a qual a religião trabalha” (Staub; Ricciardi; Escobar, 2023, p. 176). Freud (1996) apresenta a magnitude dos cerimoniais do obsessivo, isto é, seus “atos sagrados”, quando descreve que, diante de qualquer falha nas execuções, a ansiedade/angústia se estabelece no psiquismo do sujeito.

Portanto, ambos estão pautados numa crença, seja o devoto em suas práticas ou o sujeito na neurose obsessiva que “parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular” (Freud, 1996, p. 67).

2.3 Totem e Tabu

Publicada em 1913, “Totem e Tabu” é considerada uma das produções mais fundamentais da obra de Sigmund Freud. Nela, apresentam-se questões importantíssimas sobre primórdios da sociedade, além de descrever os fundamentos e a construção religiosa a partir do âmbito social. Freud (1913/2012) apresenta que as raízes da religião têm relação com os grupos humanos primitivos, que se referenciavam no governante da horda, conhecido como “O pai primevo”, isto é, o líder da tribo, aquele que era reverenciado como o dono das leis, tratado até mesmo como uma figura divina, o qual trazia segurança, providências, mas também reprimia, castigava e exercia uma autoridade inquestionável para com os integrantes das tribos. Modelo semelhante ao dos fundamentos de diversas religiões, em que as divindades proporcionam segurança, providências e milagres para seus devotos, entretanto, imputam normas, regras que, ao serem descumpridas, geram punições, penitências e maldições. Como o exemplo do texto judaico-cristão:

E será que, se diligentemente obedecerdes a meus mandamentos que hoje vos ordeno, de amar ao Senhor vosso Deus, e de o servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma, Então darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia, para que recolhais o vosso grão, e o vosso mosto e o vosso azeite. E darei erva no teu campo aos teus animais, e comerás, e fartar-te-ás. Guardai-vos, que o vosso coração não se

engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos inclineis perante eles; E a ira do Senhor se acenda contra vós, e feche ele os céus, e não haja água, e a terra não dê o seu fruto, e cedo pereçais da boa terra que o Senhor vos dá (Deuteronômio, 11, 13-17).

Neste contexto, Freud esclareceu “a proibição do incesto, sua grande influência na formação das civilizações e a tentativa de elucidar a origem do fenômeno religioso, tanto nas formações primitivas quanto da religião monoteísta judaica cristã e o sentimento religioso” (Staub; Ricciardi; Escobar, 2023, p. 178).

Além disso, Freud (2012) compara o conceito de totemismo como uma forma de prática religiosa em que nos grupos os sujeitos reverenciam e adoram pessoas, animais, objetos naturais como símbolos sagrados. Staub, Ricciardi e Escobar (2023) acrescentam o grande respeito que era depositado nos totens, os quais representavam até mesmo a imortalidade das almas daquela tribo. Freud (2012) também argumenta que a adoração ao pai primevo era carregada de sentimentos ambivalentes, desde identificação, amor, reverência, como desprezo, ódio e medo. Semelhante a algumas religiões em que os devotos adoram e engradem, mas temem e tremem diante da divindade. Freud (2012, p. 156) acrescenta:

Enquanto a pressão exercida pelo pai primevo se fazia sentir, os sentimentos hostis em relação a ele eram justificados, e o arrependimento por eles teve de esperar um outro momento. Tampouco é convincente a segunda objeção, de que tudo que deriva da relação ambivalente com o pai — tabu e prescrições de sacrifício — tem o caráter de profunda seriedade e plena realidade. Também as cerimônias e as inibições dos neuróticos obsessivos mostram esse caráter, mas remontam apenas à realidade psíquica, a desígnios, não a realizações.

Em “Totem e Tabu” também são evidenciadas as questões dos tabus na constituição da sociedade, isto é, proibições que visam limitar as liberdades individuais e coletivas, além de controlar os desejos, a subjetividade e as pulsões primitivas, sendo estas interdições estabelecidas como fundamentos de diversas religiões. Segundo Staub, Ricciardi e Escobar (2023, p. 177), “na realidade, a religião oferece, através das práticas religiosas, é que as pessoas se moldem a Deus, à imagem do Pai. Deus como figura de um pai glorificado, uma purificação, uma cópia do pai: Deus é o pai!”. Por outro lado, Freud (2012) expressa que os tabus mantêm certa ordem social, assim, trazendo regulamentações para as relações sociais.

2.4 Psicologia das massas e análise do eu

Freud inicia o texto *Psicologia das massas e análise do eu* afirmando que a “psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo” (Freud, 1921/2020, p. 137), ressaltando a influência das massas na vida

anímica dos indivíduos. Quando Freud se refere a massas, nelas estão incluídos os mais diversos tipos de ajuntamentos sociais, dentre eles encontram-se os grupos religiosos.

Freud (2020) descreve que o indivíduo que está envolvido em massas tem pensamentos e atitudes distintas das que teria se estivesse sozinho, imerso nos grupos ele se comporta como um “autômato, que não pode mais ser guiado pela própria vontade” (Freud, 2020, p. 144). Isto é, o indivíduo passa a seguir as ideias que são impostas, como as leis e dogmas religiosos, deixando de duvidar.

Entretanto, tais atitudes de embotamento da própria identidade em prol do grupo podem proporcionar satisfações ao indivíduo, como a sensação de poder e a coragem de fazer ações em grupo, as quais não faria sozinho. A massa oferece o anonimato e a ausência do sentimento de responsabilidade (Galery, 2017).

As massas elegem uma liderança para guiá-las, promovendo sentimentos ilusórios de serem amadas igualmente por um(a) pai/mãe infalível, além do pertencimento de estarem rodeadas por irmãos iguais, onde não há rivalidade. Para ilustrar, Freud (2020) usa como exemplo a igreja e o exército, cujos integrantes precisam ser coagidos, direcionados e terem suas personalidades limitadas por uma figura superior, seja Cristo na igreja ou o comandante no exército.

Para tanto, em seus posicionamentos e discursos carismáticos, os líderes religiosos conseguem influenciar os grupos, fazendo o papel de ideal do eu da massa. Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 362): “É nesse lugar do ideal do eu que o sujeito instala o objeto de sua fascinação amorosa, bem como o hipnotizador ou o líder, assim se transformando o ideal do eu”. Ou seja, os líderes conseguem despertar as emoções mais primitivas, irracionais e inconscientes, assim, conseguem mobilizar multidões de seguidores.

Por fim, Freud (2020) explica sobre uma ligação libidinosa dupla, voltada para o líder e entre os integrantes da massa, remetendo a fantasias infantis. Sendo assim, forma-se no grupo uma consciência moral, fazendo do comandante da massa um novo ideal do eu, aquele que supostamente tem a força, que conduz e exige coisas que o “eu” dos integrantes da massa não podem satisfazer, tornando o líder mais idealizado e, portanto, o grupo passa a ser mais devoto a ele.

2.5 O Futuro de uma Ilusão

Em *O Futuro de uma Ilusão*, publicado em 1927, Freud discorre sobre as origens sociais e psíquicas da sociedade, seu desenvolvimento e as possíveis transformações no futuro. Dentre os temas explorados, Freud (1927/2020) aborda a religião e a compreende como um molde

inibidor e repressor da vontade natural dos seres humanos, afirma que as massas limitam a forma de ser do indivíduo, exceto o líder religioso, isto é, o representante de Deus. Freud (2020, p. 244 – 245) descreve:

De que consiste o valor especial das ideias religiosas? Falamos da hostilidade à cultura, produzida pela pressão que esta exerce, pelas renúncias pulsionais que ela exige. [...]. No fundo, portanto, apenas um único indivíduo pode tornar-se irrestritamente feliz com um cancelamento como esse das restrições culturais: um tirano, um ditador, que se apoderou de todos os meios de poder

Santos (2018) destaca que os indivíduos buscam na religião e nas representações divinas, de forma ilusória, a realização de seus desejos mais íntimos, inconscientes e fundamentais, como o de ser amado, a segurança, proteção etc. A religião também assume o papel de alívio e de manobra, para que os indivíduos não lidem com a angústia, paradoxos e desconfortos da vida. Neste sentido, Freud (2020) diz que para alguns indivíduos as ilusões religiosas se fazem necessárias, para que consigam lidar com a dura realidade que vivem. Entretanto, acrescenta que a devoção pode eliminar algumas neuroses, mas também pode provocar outras mais difíceis de tratar. Além disso, os crentes buscam respostas para a vida após a morte, as quais aplacam a agonia de lidar com o fim da vida, justificativas para eventos naturais e formas de enfrentamento para lidar com toda impotência que o desconhecimento promove no ser humano.

Neste contexto, devido ao desamparo em que o homem se encontra em meio à cultura, no texto de 1927, Freud descreve que a busca pela religião e o anseio por uma representação divina se dá a uma projeção do complexo paterno, isto é, a relação entre a criança e seu pai. “Assim, Deus nada mais é que o representante do pai que um dia amou e protegeu seu filho, enquanto o diabo é a figura paterna que a criança odiou por proibir que ficasse com seu objeto amado” (Santos, 2018, p. 88). Nesta dinâmica, o indivíduo que se vê cercado por medos e incertezas proporcionadas pela cultura recorre às suas fantasias inconscientes e infantis, buscando a Deus.

Freud (2020) completa que a cultura carrega em si a religião por gerações, a qual por muito tempo não era questionada. Sendo assim, os indivíduos que estavam imersos nela não acessavam as particularidades do seu ser, ou seja, deixavam de lado a capacidade de criar para tomar para si leis preestabelecidas pelas divindades. Por outro lado, ao passo que a cultura progride e o pensamento científico se espalha pelo mundo, as ilusões serão enfraquecidas e a religião perderá influência, devido ao desenvolvimento da compreensão racional dos indivíduos e capacidade de lidar com questões existenciais (Santos, 2018).

2.6 O Mal-Estar na Cultura

Para finalizar, em 1930 foi publicado por Freud o texto *O Mal-Estar na Cultura*. Nele, Freud (1930/2020) faz uma análise crítica sobre a cultura em geral. Dentre as análises, discorre sobre a religião, sua relação com o desenvolvimento da humanidade e a natureza de sua psicologia. Além disso, assim como em outros textos, aponta a religião como um ilusório recurso para lidar com a ansiedade e as pressões da vida humana, além de exercer um papel de regulação do comportamento social.

Freud (2020) inicia sua escrita discorrendo sobre o sentimento oceânico. Uma sensação apresentada a ele por seu amigo Romain Rolland. O sentimento oceânico é descrito como uma sensação de eternidade, sentimento sem fronteiras, a fonte de energia que move diversas religiões e supre suas necessidades. Isto é, um sentimento para além do real, portanto, fantasioso e ilusório.

Freud também aponta a religião como parte de um conflito entre impulsos internos e as demandas da cultura, isto é, uma tensão entre a natureza humana e o que é imputado como aceitável pelos critérios religiosos. Esses critérios podem levar o devoto a reprimir seus desejos em prol de uma fantasiosa dádiva futura. Dentre as repressões, as principais exigências da religião são as renúncias de impulsos sexuais e agressivos, que ao serem infligidas, ou seja, ao receberem vazão fidedigna, levam o indivíduo a punições culturais, além de internas (do superego), conduzindo-o a um estado de culpa moral, limitando sua independência e liberdade, provocando grande sofrimento psíquico (Freud, 2020).

Falbo (2006, p. 7) descreve que são “os desejos infantis que sustentam o pensamento religioso, o que interessa a Freud é questionar a ideia de que há apenas um único caminho para a felicidade”, isto é, a submissão religiosa representa as inflexíveis e idealizadas reverberações infantis. Segundo Freud (2020), após o período do complexo de Édipo, o superego do indivíduo é formado em sua psique, estabelecendo noções de convívio social e morais. Sendo assim, a criança, que era dominada pelo id, ou seja, pelos impulsos do inconsciente, passa a ter a barreira do superego e suas leis paternas/familiares. Esta dinâmica se repete no que diz respeito a religiosidade, quando, ao pensar em seguir os impulsos sexuais e agressivos, o indivíduo sente-se bloqueado, pois estaria contrariando as leis paternas/divinas.

Neste sentido, quando o ego está sendo conduzido por um superego rígido e está totalmente imerso na devoção, já não vê mais diferença entre o interno (seus desejos) e externo (exigências divinas), simplesmente segue conceitos ordenados, se descaracterizando e deixando de lado sua naturalidade e satisfação. Falbo (2006, p. 7) aponta:

Ao oferecer uma resposta universal para o enigma colocado pelo sentido da vida, a religião poupa o sujeito do trabalho que ele deve empreender para se localizar frente ao que seja o “seu bem”, sua causa de desejo. Como contrapartida, em respeito aos seus mandamentos, dele exige a renúncia de suas satisfações.

Por fim, Freud apresenta que a religião serve como uma forma de sublimação dos impulsos internos. Além de dizer que “a sublimação da pulsão é um traço particularmente saliente do desenvolvimento da cultura, ela possibilita que atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas, ideológicas tenham um papel tão importante na vida cultural” (Freud, 2020, p. 347). No contexto religioso, as ações sublimatórias, em parte, substituem a repressão dos impulsos do id como uma alternativa moralmente aceitável, entretanto, não se trata de um mecanismo suficiente, por isso, as incidências de neuroses são comuns.

3 FUNDAMENTALISMO POLÍTICO-RELIGIOSO NO BRASIL ATUAL

3.1 Líderes fundamentalistas e seus seguidores

Tem se falado muito nos dias atuais sobre os grupos fundamentalistas, que se espalham nas mais diversas frentes da sociedade. Cunha (2020, p. 1137) define o fundamentalismo como “um movimento ou uma corrente de pensamento que prega obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios fundamentais”. Neste contexto, atualmente, no cenário brasileiro, o fundamentalismo de cunho religioso tem adquirido grande destaque.

Esta relevância tem se apresentado a partir de estratégias advindas dos líderes carismáticos destes movimentos, cuja intenção é regressar aos fundamentos sacros da religião. Para este fim, fizeram da política uma de suas principais frentes, por meio da qual têm a possibilidade de potencializar seus ideais fundamentalistas e suas estratégias de dominação. (Oliveira, 2019).

Os líderes fundamentalistas e, por consequência, sua grande multidão de seguidores são reconhecidos pelo intenso conservadorismo moral e político, além de um espírito extremamente patriota (Oliveira, 2019). Tais sujeitos, que representam as ideologias radicais, buscam coagir, dominar e gerenciar a vida dos devotos, induzindo-os a entregar-se aos interesses da liderança, por meio de discursos convincentes, baseados nas escrituras sagradas, isto é, os condutores da massa interpretam os escritos ao seu modo e estabelecem para os fiéis o que é certo e o que é errado, privando-os de alternativas ou discussões sobre os mais diversos temas e questões (Oliveira; Moreira, 2023). Tamanha manipulação justifica-se devido à grande alienação da massa fundamentalista.

As lideranças religiosas gozam de vantagens, às quais as massas não têm acesso. Esta desigualdade de posições e benefícios é determinada pelo próprio líder e o seu exacerbado

narcisismo, independência e autoconfiança. Oliveira e Moreira (2023, p. 384) descrevem que “o próprio líder se legitima como tal, apresentando-se como portador de uma missão especial e divina”. Além disso, justifica-se tais condutas em sincronia com a noção de patriotismo – cuja origem da palavra remete ao pai, pátrio poder – e a submissão dos grupos fundamentalistas. Oliveira e Moreira (2023, p. 382-383) apontam:

as características que são admiradas nos líderes são, em última análise, características paternas: a decisão de pensamento, a força de vontade, a energia da ação, a autonomia, a independência e a indiferença divina, que pode transformar-se em crueldade. Enquanto retrato do pai, o grande homem, ou o líder, é alguém que inspira confiança e admiração, mas também suscita o temor por ele.

3.2 A intolerância à diversidade

As ideologias religiosas, anunciadas pelos fundamentalistas, têm pretensões hegemônicas, isto é, estabelecem um estilo de vida, crenças e padrões que ameaçam a diversidade cultural. Suscitam, por meio de seus discursos, intolerância, ódio, rejeição e discriminação contra aqueles que não seguem seus princípios moralistas (Oliveira; Moreira, 2023). Alguns grupos, até mesmo aqueles de cunho religioso, acabam sendo alvo desta intolerância, como as religiões de matrizes africanas. Segundo um levantamento da BBC Brasil ⁵ (29 de janeiro de 2023):

O número de denúncias de intolerância religiosa no Brasil aumentou 106% em apenas um ano. Passou de 583, em 2021, para 1,2 mil, em 2022, uma média de três por dia. O Estado recordista foi São Paulo (270 denúncias), seguido por Rio de Janeiro (219), Bahia (172), Minas Gerais (94) e Rio Grande do Sul (51). A maior parte foi feita por praticantes de religiões de matriz africana, como umbanda e candomblé. Seis em cada dez vítimas são mulheres. Só nos primeiros 20 dias de 2023, o Disque 100, canal para denúncias de violações de direitos humanos, registrou 58 ocorrências.

Além disso, a BBC Brasil (29 de janeiro de 2023) também destaca casos de pessoas que foram vítimas de preconceito e até mesmo privadas de seus direitos de cidadão: “uma jovem de 16 anos foi agredida em uma escola municipal de Joinville, em Santa Catarina, após dizer que era praticante de umbanda, religião de matriz africana”.

Outro ponto de resistência e intolerância do fundamentalismo religioso é o movimento LGBTQIA+. O IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família)⁶ em 2022 registrou que “as ocorrências de homofobia ou transfobia subiram para 488, o que representa um aumento de

⁵ BERNARDO, André. 'Liberdade religiosa ainda não é realidade': os duros relatos de ataques por intolerância no Brasil. **BBC News Brasil**. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64393722>. Acesso em: 07 out. de 2023.

⁶ BRASIL REGISTRA ALTA NOS REGISTROS DE RACISMO E HOMOFOBIA EM 2022. **IBDFAM (Instituto Brasileira de Direito de Família)**. <https://ibdfam.org.br/noticias/10995/Brasil+registra+alta+nos+registros+de+racismo+e+homofobia+em+2022>. Acesso em: 21 out. 2023.

54% se comparado a 2021 (316)”. Para mais, “Foram registradas agressões a mais de 2,3 mil pessoas LGBTQIA+.”.

Tais dados podem ser a reverberação do seguinte domínio político-religioso no Brasil: em 2019, a bancada evangélica, “com 195 deputados e oito senadores, constituiu-se como uma das bancadas de maior poder político nas Casas Legislativas” (Kyrillos; Machado, 2022, p. 335). Posto isto, Oliveira e Moreira (2023, p. 377) descrevem que este é um fenômeno “caracterizado pelo despertar de uma religiosidade politicamente engajada, hostil ao crescente processo de secularização da sociedade, conservador e intransigente na defesa de valores que, na mentalidade moderna, seriam considerados obsoletos”. Neste contexto, Freud aponta: “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (2020, p. 366).

3.3 Manifestações e violência

A partir desta rigidez frente à diversidade, as lideranças que representam e guiam as massas fundamentalistas podem fazê-los tomarem atitudes extremamente impensáveis e agressivas. Oliveira e Moreira (2023) apresentam que estes líderes usam diversos meios de comunicação, principalmente as redes sociais na internet, para difundir suas ideias e projetos, a fim de mobilizar e inflamar militantes ensandecidos em seu favor. Militantes estes que são capazes de organizarem manifestações gigantescas em prol de seus líderes, principalmente quando perdem o seu poder, ou quando há ameaça disso.

A causa desses grandes movimentos a favor do líder se dá devido à imago/significação paterna que é ativada inconscientemente na massa, que os fazem substituir o pai real, fantasiado ou perdido, pelo pai idealizado e “perfeito”, o representante sagrado (Marques; Fulgencio, 2023). Isto é, os devotos fundamentalistas que encontraram a proteção fantasiosa em seu líder são capazes de praticar brutalidades para mantê-lo no governo de suas vidas.

Assim, lamentavelmente são capazes de gerar manifestações violentas, as quais podem acontecer “quando determinados grupos se veem desafiados ou percebem que ridicularizam seus ideais, nesse contexto a violência pode surgir como um modo de tentar manter a sociedade coesa, e tentam garantir de toda forma que sua estrutura não se desestabilize” (Danzmann; Silva; Carlesso, 2020, p.8).

Para finalizar, um deplorável episódio nacional ilustra com clareza a ação de um grupo fundamentalista: No dia 8 de janeiro de 2023, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Palácio do Planalto foram invadidos e depredados por grupos fundamentalistas logo após a derrota do candidato à reeleição presidencial Jair Bolsonaro. Neste caso, a queda da figura idealizada,

mítica e paterna desativou nas pessoas a possibilidade de contenção ou sublimação de seus desejos, por vezes agressivos e reprimidos, levando-os ao ato (ou intenção) de ruptura institucional.

4 DISCUSSÃO

A partir da construção textual deste trabalho e as compreensões históricas, teóricas e científicas apresentadas pelas bibliografias e seus autores, é possível promover uma discussão significativa, com reflexões importantes para o contexto social atual.

Posto isto, em meio a este trabalho, foi descrito o quanto a religião sempre esteve presente nos contextos sociais, desde as civilizações primitivas. Harari (2018) aponta mais especificamente desde a revolução cognitiva, cerca de 70 mil anos atrás, período em que o *Homo Sapiens* adquiriu a capacidade de usar a linguagem para criar, isto é, elaborar os primeiros deuses, religiões, lendas e mitos, os quais tinham o poder anímico de trazer sustentação para os grandes percalços diários da vida primitiva. Neste sentido, Freud (2020) no texto *O Futuro de uma Ilusão* descreve que a gênese psíquica das ideias religiosas se dá a partir de ensinamentos geracionais, não são decorrentes das experiências ou da elaboração de pensamentos subjetivos, mas ilusões, realizações dos desejos e necessidades mais antigas e urgentes da humanidade.

Sendo assim, compreendendo a necessidade humana de encontrar nas divindades parte de sua subsistência, mas também, por outro lado, observar o desenvolvimento humano e a crescente sobre a necessidade de adquirir controle, poder e domínio, a religião também passou a ter um caráter político. Os reis, imperadores e governantes das mais diversas épocas a princípio queriam sobrepular os sistemas religiosos, entretanto, ao entenderem o poder social da religiosidade, quiseram se intitular ou se unir a figuras sacerdotais, a fim estabelecer o domínio e o poder almejado.

Toledo e Telles (2020) descrevem que os governantes e sacerdotes sumérios se juntavam para submeter o povo, criando até mesmo novos deuses, com o objetivo de explorar o devoto para obterem mais riquezas e assim alcançarem suas ambições. Assim como fez o Império Romano, que propôs diversas ações de perseguição e execução ao povo cristão (Funari, 2001), mas, com a contínua expansão do cristianismo, preferiu encerrar as perseguições e aliar-se aos cristãos, a partir do Edito de Milão, com o intuito de manter-se no poder e continuar a tirar vantagens do povo (Carlan, 2009). Neste mesmo sentido, no Brasil líderes carismáticos, participantes do fundamentalismo religioso, a partir de seus discursos de cunho moral, integram

o território político para potencializar as ideias fundamentalistas e expandir seu domínio (Oliveira; Moreira, 2023).

Historicamente, a partir da união entre a política e a religião, estabeleceram-se grandes hegemonias, por consequência, uma sensação de poder e segurança por parte das massas envolvidas, devido à grande coesão grupal. A partir deste sentimento grupal, Freud (2020) aponta que a massa se dá o direito de menosprezar e hostilizar os demais grupos culturais, promovendo, desta forma, o crescimento da intolerância e a violência frente à alteridade, principalmente quando determinada massa sente-se ameaçada diante de alguma circunstância (Danzmann; Silva; Carlesso, 2020).

Também se destaca, no decorrer das épocas, o lugar que os líderes religiosos/políticos ocupam no psiquismo desses grupos. Freud (2020) descreve que, devido ao desamparo estrutural do ser humano originário na infância, as pessoas anseiam pelo amparo paterno, que se oculta atrás de cada figura divina e de seus supostos representantes, mas não passa despercebido pelo inconsciente de cada participante da massa que se devota a estes líderes. Posto isto, a relevância dos movimentos fundamentalistas no decorrer da história e no cenário atual se justifica.

Portanto, frente a tal representatividade simbólica dos líderes, entende-se a dedicação dos crentes em eleger seus líderes nas Casas Legislativas, que ocupam o maior número de cadeiras na atual bancada política brasileira (Kyrillos; Machado, 2022). Acrescenta-se aqui a visão que Freud (2012) apresenta em “Totem e Tabu”, onde é possível compreender a alusão dos líderes ao Pai primevo, o governante da horda, isto é, o líder dos grupos mais primitivos, o qual era o mais respeitado, dono das leis, tratado até mesmo como uma figura divina, aquele que tinha o poder de oferecer segurança e abrigo, mas também punições severas (Santos, 2018).

Neste mesmo sentido, frente a grande devoção, respeito e patriotismo, Marques e Fulgencio (2023) descrevem que esses líderes atingem a imago paterna dos integrantes das massas religiosas de tal forma que os devotos fazem a substituição do pai real, fantasioso, ou perdido por um pai completamente idealizado, perfeito e sacro, que por diversas vezes passa a ter domínio integral de seus seguidores/filhos. Devido a esta dinâmica relacional e o fascínio dos devotos frente aos líderes, estes representantes paternos também assumem o papel de Ideal do Eu no psiquismo dos grupos (Freud, 2020), promovendo, portanto, uma submissão das massas perante o seu Ideal do Eu, tornando o indivíduo um “autômato, que não pode mais ser guiado pela própria vontade” (Freud, 2020, p. 144).

Observa-se que as imposições religiosas, proferidas pelos representantes das divindades, apresentam um teor determinista, em que os devotos encontram duas opções

antagonistas: serem obedientes, assim, receberem a vida e a benevolência, ou desobedientes e receberem a morte e a maldição, como é descrito por Moisés no livro de Deuteronômio, seguido pelos grupos Judaico-Cristãos. Eliade (1975) aponta, numa exclamação dos religiosos primitivos da Suméria, o quanto sentiam-se inadequados e faltantes diante das exigências divinas, provocando empobrecimento do ser e profundos danos à subjetividade dos submetidos que, apesar da imersão à massa, não deixaram de ser indivíduos. Neste sentido, Freud (2020) descreve que a causa do sofrimento se dá quando o indivíduo se curva frente às exigências culturais, buscando ser mais do que é em si.

As recorrentes resignações das massas ante os sistemas religiosos e seus discursos que prometem todas as resoluções, que poupam os devotos de determinadas angústias, paradoxos e desconfortos da vida (Santos, 2018) encontram um lado adverso, onde acontecem as repressões das pulsões e da subjetividade dos indivíduos. Os integrantes dos grupos precisam renunciar às suas inclinações, desejos e liberdade a fim de satisfazerem as leis religiosas impostas, provocando grandes sofrimentos psíquicos (Freud, 2020). Observa-se que a postura submissa, com características infantis, por parte dos devotos, os poupa de assumir responsabilidades, isto é, não rompem os tabus impostos que lhes causam sofrimentos. Neste sentido, Freud (2020) também aponta que a devoção pode eliminar algumas neuroses, entretanto, pode provocar outras, mais difíceis de serem tratadas.

Por fim, após a análise dos temas que se destacaram, a partir do levantamento bibliográfico e da construção textual, é possível encerrar esta discussão com a seguinte citação: “podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal” (Freud, 1996, p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrito na construção deste trabalho, a religião está presente na humanidade por meio de seus registros e manifestações desde os períodos mais distantes e primordiais. A partir da evolução civilizatória no decorrer dos milênios, a busca pelo poder e domínio se evidenciou, governantes se levantaram para unir-se às religiões a fim de se estabelecerem, tendo em vista a dependência da massa e a sua necessidade de se referenciar em um ser que lhe ofereça segurança e suprimento frente às suas vulnerabilidades.

Observa-se que os líderes político-religiosos de diversas épocas, incluindo a atual, se posicionam como verdadeiros representantes dos deuses, o escolhido para ordenar e guiar as atitudes das massas, criando, mudando e impondo leis divinas para manipular os povos a fim

de serem favorecidos e enaltecidos em poder e domínio. As massas alienadas acreditam incondicionalmente no que os líderes dizem e se submetem completamente, mas não só isso, também exigem devoção daqueles que não querem acatar as determinações religiosas. As idealizações desses grupos, supostamente realizáveis - apenas se houver obediência às leis divinas - sempre se baseiam num futuro melhor, entretanto, o presente oscila entre dois extremos: o medo de ser punido pelos deuses e a esperança de serem agraciados por eles.

Em vida os devotos encontram nos deuses e nas promessas de seus líderes um refúgio para não lidar com suas angústias estruturais, mas também com as pressões impostas pela vida cultural. Assim, se submetem de tal forma para não assumirem as responsabilidades individuais que deveriam lhes ser próprias. Desta forma, cada devoto renuncia à sua subjetividade, sua capacidade de desejar e realizar, sem mesmo perceber, devido a tamanha ignorância e inconsciência de suas vivências.

Além disso, por meio da subordinação das massas aos princípios apresentados pelos líderes, resgata-se, nos integrantes dos grupos, fantasias infantis, pois encontram nesses líderes o retorno da figura paterna e a realização de desejos inconscientes infantis. Isto é, assim como uma criança se identifica com os ideais de seu pai, a massa se identifica com os seus líderes e age baseada em seus ideais, sejam eles quais forem. Logo, crescem e se manifestam grupos à imagem e semelhança de seus líderes, muitas vezes baseados no preconceito, no desrespeito, na violência e na discriminação à alteridade e à diversidade cultural.

Entretanto, quando os representantes paternos se ausentam, e não se encontra um substituto reconhecido pela massa, a ilusão de segurança e de amparo se esvai. Portanto, os integrantes dos grupos ficam transtornados e alvoroçados, assim como uma criança quando não recebe mais do pai aquilo de que necessitava e desejava. Diante disso, são obrigados a crescer e amadurecer sem uma influência primordial ou auxiliar, pois a massa se desfez. A responsabilidade “bate à porta”, de “mãos dadas” com a realidade, mas também a liberdade. Então, os que já não haviam adoecido diante de tantas repressões impostas adoecem, pois agora precisam aprender a desejar e realizar sozinhos, precisam aprender a viver como indivíduos.

Compreende-se que, mesmo sendo o pensamento mítico e religioso uma tradição secular de apoio e amparo, encarnar um movimento religioso ao seu líder revela uma sociedade em sofrimento. A psicanálise freudiana contribui na compreensão dos mecanismos que levam a esta devoção. Frente às questões sociais observadas na atualidade, faz-se necessário olhar com cuidado tanto aos sujeitos como para as massas, para que não emergjam novas tiranias.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marli Turetti Rabelo; NOROEFÉ, Adriana Rodrigues Barbosa. O cristianismo como religião do Império Romano e a sociedade contemporânea. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 36, p. 17-34, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2463>. Acesso em: 20 jun. 2023
- BALOGH, Penelope. **Freud**: Uma introdução biográfica. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1974.
- BÍBLIA, A. T. Deuteronomio. In: BÍBLIA. **Sagrada Bíblia**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. Constantino e as transformações do Império Romano no século IV. **Revista de História da Arte e da Cultura**, n. 11, p. 27-35, 2009. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15403/10240>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- CORASSIN, Maria Luiza. O cidadão romano na República. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, v. 33, p. 271-287, dezembro, 2006. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph>. Acesso em: 17 de junho de 2023.
- COZER, Alexandre. **Religião romana e priapeia**. Curitiba: UFPR, julho, 2016.
- CUNHA, Carlos Alberto Motta. Fundamentalismo à brasileira: perfil e enfoque do Protestantismo de Missão no Brasil. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1137-1137, 2020.
- DANZMANN, Pâmela Schultz; DA SILVA, Ana Claudia Pinto; CARLESSO, Janaína Pereira Pretto. As Implicações do Fanatismo em diferentes contextos na atualidade: contribuições da Psicanálise. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, p. e136963540-e136963540, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3540>. Acesso em: 23 out. 2023.
- DUARTE, Patrícia. A primeira manifestação pré-histórica do universo religioso. **Último Andar**, n. 21, p. 145-162, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13988>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- ELIADE, Mircea. **História das ideias e crenças religiosas**. Porto, Portugal: RÉs editora, v. 1. 1975.
- FALBO, Gisele. Considerações sobre o mal-estar na civilização. In: BERNARDES, Angela. **10 x Freud**. Niterói: Azougue Editorial, RJ LAPSO, 2006, p. 147-164.
- FREUD, Sigmund. **Obras Completas volume 9**: Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos (1906-1908). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 11**: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 16**: Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu (1921)**. In: Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão (1927)**. In: Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura (1930)**. In: Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

GALERY, Augusto Dutra. O representante eleito como intermediário entre o grupo e o poder. **Psicologia USP**, v. 28, p. 196-205, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Qrd84Gq3GZ6GsvHtgqYTWrS/?lang=pt#>. Acesso em: 01 set. 2023.

GAY, Peter. **Freud – Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HUME, David. **História natural da religião**. São Paulo: Ed. 1. Editora da UNESP, 2005.

KYRILLOS, Fuad; MACHADO, Rodolfo Rodrigues. Religiosidade e Política na Sociedade Brasileira Secularizada: Uma Leitura Psicanalítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 322-341, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/66487/41783>. Acesso em: 16 out. 2023.

LIMA, Francisco Wellington Rodrigues. Fé, poder e propagação: a Igreja Católica na Idade Média e suas representações no teatro de Gil Vicente. **Revista Veredas da História**, v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47898>. Acesso em: 19 jun. de 2023

MARQUES, Thiago Gomes; FULGENCIO, Leopoldo. O desenvolvimento dos objetos transcendentais e da religião fundamentado na teoria freudiana. **Psicologia em Estudo**, v. 28, p. e53035, 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003112590>. Acesso em: 23 out. 2023

MATOS, Alderi Souza. A Reforma Protestante do século XVI. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/24>. Acesso em: 19 jun. 2023

OLIVEIRA, Thiago Araújo. Uma reflexão sobre o atual fundamentalismo religioso a partir de Freud. **Revista Psicologia Política**, v. 19, n. 46, p. 543-555, 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2019000300012. Acesso em: 16 out. 2023

OLIVEIRA, Thiago Araújo; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A Liderança Fundamentalista: Uma Abordagem a partir de Freud. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 23, n. 1, p. 370-389, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/75318>. Acesso em: 16 out. 2023.

REALE, Gilda Maria. Hesíodo e a evolução religiosa na Grécia antiga. **Revista de História**, v. 1, n. 1, p. 19-42, 1950. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34816/37554>. Acesso em: 17 abr. 2023

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Samuel Franco dos. A religião como ilusão em Freud. **Analytica**, São João del Rei, v. 7, n. 12, p. 84-99, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2023.

STAUB, Martha; RICCIARDI, Marilene; ESCOBAR, Lúcio. A religião em Freud a partir do estudo de atos obsessivos e práticas religiosas (1907) - Totem e Tabu (1913). **Cognitionis Scientific Journal**, v. 6, n. 1, p. 171-183, 2023. Disponível em: <https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/214>. Acesso em: 11 de julho de 2023.

TRABULSI, José Antônio Dabdad. Religião e política na Grécia, das origens até a pólis aristocrática. **Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 5, n. 1, p. 133-147, 1993. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6298101>. Acesso em: 17 abr. 2023

TOLEDO, Túlio; TELLES, Luana. A Espiritualidade Suméria Como Agente do Pluralismo Religioso Mesopotâmico. **NEARCO-Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo**, v. 12, n. 1, p. 133-154, 2020.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2006.